

Jocimar Daolio, prof. de educação física da Unicamp e membro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), defende novos paradigmas para mudar o modelo esportivo da competição, predominante hoje. Na 50ª Reunião da SBPC, em Natal, ele coordenou o simpósio "Cultura, Racismo e Cidadania em Esportes". Do debate participaram Katia Rubio, da Escola de Educação Física e Esportes da USP, e Alessandro de Oliveira Santos, do Programa de Pós-Graduação e Psicologia da USP.

Autor do livro *Educação física brasileira: Autores e atores na década de 1980* (Ed. Papirus), resultado de sua tese de doutorado, Daolio falou ao *JC*.

Concorda que ainda há pouca pesquisa em educação física no Brasil?

Daolio - Para falar disso, é preciso ver o contexto das duas últimas décadas. Até o fim dos anos 60, e início dos 70, a educação física era prática pedagógica cujo modelo era o da aptidão física. Talvez as aulas pelas quais você tenha passado lá pela 4ª ou 5ª série do 1º grau tenham sido modelos extremamente mecânicos com aulas técnicas. A aula de vôlei, p. ex., era ensino de toque, manchete, cortada e saque. A de basquete, arremesso, passe e bandeja. Isso era função da educação física. Ela não era vista como área científica, como área do conhecimento. Era prática centrada no modelo físico. Corpo como um conjunto de músculos, ossos e órgãos para serem treinados, e ponto final. De dez anos para cá, de modo mais intenso, começou a haver mais cientificidade na área por vários motivos. Vários docentes foram fazer mestrado. Como não havia curso de mestrado em educação física, boa parte desses mestres foram formados na área de ciências humanas, o que, por assim dizer, humanizou um pouco a área. Alguns doutores voltaram dos EUA, Europa e Japão. Nos anos 80 começamos a formar o que chamo de um pensamento acadêmico na área, que, alias, é o tema da minha tese de doutorado. O 1º curso de mestrado em educação física é de 77. A 1ª tese só saiu em 79. Ou seja, faz menos de 20 anos que temos uma produção científica. Quando fiz minha graduação, nos anos 70, não tínhamos encontros científicos como este da Reunião da SBPC, livros, debates na área ou produção de teses. O que temos hoje ainda é pouco. Mas para quem é da área, como eu, vê que é muito, perto do que tínhamos. Comparando com outras áreas, ainda acho que é pouco. O problema é que essa produção ainda não chegou à sala de aula para que o professor pense: "Como é que vou tratar as crianças na minha aula?" Essa produção não chegou ainda de forma intensa ao professor que está lá no 1º e 2º graus. E muito menos

JORNAL da CIÊNCIA

PUBLICAÇÃO DA SBPC • 14 DE AGOSTO DE 1998 • ANO XIII Nº 395

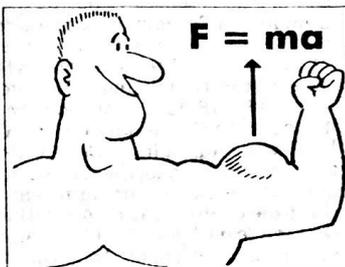
Educação física em busca da ciência

A educação física é prática pedagógica ainda em fase de se fixar como área do conhecimento no Brasil. Influenciada pelas ciências biológicas e pelo modelo da aptidão física, ela se empenha em sair da "marginalidade" científica. Os estudos acadêmicos na área não têm mais de 20 anos no país. Por Yuji Gushiken

chegou ao treinamento dos clubes, onde pela própria força da mídia, das empresas e dos próprios clubes há obviamente resistência maior. O treinamento é outro modelo. Ele é rendimento. Tem outra lógica. O grave é quando o rendimento se torna o único modelo de esporte. O modelo é o mesmo até para uma criança de 7 anos jogando futebol. E os pais incorporam esse modelo, difundido inclusive pela mídia. Ou seja, ainda há pouca pesquisa em educação física. Sempre cito: é preciso partir de referenciais de outras áreas. Ainda buscamos "ajuda" na antropologia, no meu caso, na psicologia (caso da Kátia e do Alessandro), nas ciências médicas, na sociologia, na educação, para conseguir pensar a educação física. O que se vê hoje é um diálogo muito grande entre essas áreas.

Você refuta o modelo mais próximo das ciências físico-biológicas, que visa formar atletas?

Daolio - Não estou querendo polarizar ciências humanas x ciências naturais. O que temos que fazer sempre, creio, é relativizar a influência das ciências biológicas, que na área de educação física foi e é determinante. 90% de nossos cursos de formação fazem parte das ciências biológicas. Nosso curso na Unicamp, que tem interface com as ciências biológicas e humanas, é classificado na área de biológicas. Alguns cursos mantêm até hoje no vestibular um teste de aptidão física, de rendimento físico. O candidato tem que cumprir certos pontos para entrar no curso. Fica pressuposta a idéia de que se você passar, se fizer boa performance física, o candidato dará conta de ensinar, como se o ensino fosse só um fator biológico. A humanização traz a idéia de que há um corpo biológico, sim. Mas há também um corpo social, político e cultural. Quando faço um gesto, esse gesto tem significado dentro do meu grupo. Em outro contexto, talvez esse gesto tenha outro significado. Portanto, esse gesto não é um gesto só biológico. É músculo. Mas tem um significado. Tem cultura. Tem economia. Tem poder. Tudo isso. Eu diria que essa é a tendência da área, hoje. Quer dizer, a educação física não lida com o movimento. Ela lida com uma cultura do movimento. Educação física



não lida com o corpo. Ela lida com uma cultura corporal. Quem é da área entende o que isso quer dizer. Mas ainda há gente distante dessa compreensão.

Essa vertente humanista é característica da pesquisa brasileira ou tendência mundial?

Daolio - Não tenho dados para falar de outros países. Mas acho que temos características próprias. Na Alemanha, p. ex., não há o conceito de educação física, mas de esporte. Eles juntam tudo e dividem em subáreas. Em Portugal, alguns grupos defendem uma ciência da motricidade humana, ou seja, eles criaram uma nova ciência. Mas eu não saberia detalhar. No Brasil, a produção científica na área não tem sido grande, mas tem sido vigorosa. As coisas de que estamos falando são novas. Ainda não chegaram aos professores do ensino primário e secundário. Na escola de 1º grau, o professor deve interagir e discutir seu projeto pedagógico com diretores, coordenadores pedagógicos, professores de matemática, porque são pessoas que muitas vezes olham para a educação física de forma preconceituosa. Talvez porque tenham sido discriminadas, p. ex., em suas aulas de vôlei por serem baixinhas, gordinhas ou usar óculos. As pessoas têm ódio disso. Temos que ganhar competência teórica em educação física e começar a interagir com vários setores para mudar a cultura da própria área.

Como avalia a pós-graduação em educação física?

Daolio - Ainda temos poucos cursos de pós-graduação em educação física. Muita gente ainda hoje vai buscar tais cursos de mestrado e doutorado em outros lugares. Temos nove mestrados — UFRGS, UFSM, UFRJ, UGF, Unicamp, USP, Unesp/Rio Claro, UFMG e falta uma que não lembro. Há cursos de doutorado na

USP, na Unicamp e, creio, em Santa Maria. Ainda há demanda muito grande para professores que querem fazer pós-graduação. O que é mais sério: grande parte dos cursos superiores é dirigida por pessoas sem pós-graduação. Talvez a educação física seja a área que mais carece dessa cientificidade. Em Universidades particulares e cursos isolados, os professores não têm ainda a dimensão dessa cientificidade. Isso é grave, pois eles estão formando pessoas. Nos últimos 20 anos, a proliferação de cursos de graduação foi muito mais rápida do que a titulação. Precisaremos de tempo para reciclar e titular os professores, processo lento, que deve levar uma geração inteira.

E qual é o papel do CBCE nesse processo?

Daolio - O CBCE tem função muito importante. Ele não é órgão de ensino. É entidade científica. Foi fundado em 78. Tem 20 anos. Seu objetivo é difundir o conhecimento na área e intervir na sociedade para esclarecê-la quando houver dúvidas sobre assuntos relativos a ela. O CBCE deve legitimar-se como órgão que estuda e debate tais assuntos. Fizemos uma "mini-SBPC" da nossa área na Reunião da SBPC em Natal, incluindo pessoal de outras áreas científicas. Foi fantástico. A cada dois anos fazemos o Conbraf (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), o maior da área. O último teve 1.500 pessoas em Goiânia (GO). Há também as secretarias estaduais, que promovem encontros e debates com sócios locais. Em síntese, a idéia é mudar a concepção de hoje da educação física e do esporte. Claro, no próprio Colégio há diversidade de opiniões. Mas há debates abertos.